

Capítulo 9

MARIA SCHEFFER RAMOS
E ANTONIO RAMOS

julho, 2019

VOZES DA
AGRICULTURA
ecológica II

Laércio Meirelles





julho, 2019

Maria Scheffer Ramos e ANTÔNIO RAMOS



Estamos na Roça da Estância, comunidade no Interior de Mampituba, município do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, limítrofe com Santa Catarina. Com lindas paisagens, muitas vezes tendo a Serra Geral como pano de fundo, é sempre prazeroso andar por essa região.

Vim aqui para conversar com o casal Maria e Antônio, agricultores ecologistas pioneiros no município.

Os dois conheceram-se e casaram-se na comunidade vizinha de Rio da Invernada, onde Maria nasceu e para onde, juntamente com sua família, Antônio mudou-se com apenas nove anos, vindo da Chapada do Morro Bicudo.

Mampituba, Roça da Estância, Rio da Invernada, Chapada do Morro Bicudo. Sonoros, quase poéticos esses nomes.

Casaram-se em 1982 e, durante 14 anos, moraram no Rio da Invernada. Em 1995, mudaram-se para a Roça da Estância.

Jovens, ainda antes de casar, os dois sempre participaram da Pastoral da Juventude Rural,

sob a liderança do Padre Ricardo Camatti¹, bastante atuante no município nos anos 1970 e 80. Nessa época, já discutiam temas que seguem sendo contemporâneos: cooperativismo, comercialização direta, agricultura alternativa ou direitos das mulheres. Alguns nomes mudaram um pouco, circuitos curtos de comercialização substituiu comercialização direta e agroecologia superou agricultura alternativa. Mas a essência da prosa é a mesma.

Agora, devidamente apresentados, podemos começar a chamá-los pela forma como são conhecidos na região: Toninho e Mariazinha.

Mariazinha fala daquele tempo da Pastoral:

- O Padre Ricardo falava de MST (Movimento Sem Terra), assentamentos, lutas por políticas públicas, nos levava às Romarias da Terra - coisas que, naquela época, nem entendíamos bem, mas ele estava nos alertando, nos fazendo compreender um pouco mais



¹ Padre Camatti é natural de Paraí, RS. Sua ordenação sacerdotal deu-se em 1971. Em 1972, assumiu na Paróquia Nossa Senhora da Glória, interior de Torres. Nessa ocasião, com outros três padres, organizou um plano pastoral com agricultores de cerca de 50 comunidades. Segundo ele próprio, guiava-se pelo dito bíblico “a Fé sem Obras é morta”. Dentre os problemas expressados pelas comunidades, aparecia a implantação do financiamento agrícola casado: adubo e veneno. Ele conta que o crime dos venenos na agricultura era denunciado em quase todas as reuniões com agricultores, nos atos religiosos, nos estudos entre lideranças. Ainda segundo ele, “a luta foi sofrida e perseverante entre os anos de 1972 a 1985”. Nesse ano, Padre Camatti transferiu-se para Bento Gonçalves. Mas as sementes do trabalho com “agricultura alternativa” estavam plantadas, os frutos não demoraram a surgir. Em 1988, casou-se com Salete Teixeira, natural de Mampituba, com quem teve três filhos. Hoje, vive em Caxias do Sul, persistindo em sua vivência pastoral, definido como “o agir da Igreja no mundo”.

este mundo.

Toninho conta que, mesmo antes do movimento de Agricultura Ecológica na região, o bananal da sua família era sem veneno. Isso porque a fonte de água que os servia vinha de um poço no meio da lavoura e seu pai nunca aceitou a ideia de contaminar essa água. Os filhos que começaram com a prática de usar veneno nas bananas. É, nem sempre ouvimos os anciões da tribo, perdemos muito por isso...

Mariazinha comenta:

- Depois de casados, nosso primeiro bananal, no Rio da Invernada, já era ecológico. Tá certo que derrubamos o mato para plantar, mas veneno nunca usamos. Serviu como demonstrativo, foram feitos muitos dias de campo lá. E, por orientação do Itair Vígolo, de Antônio Prado, em outra área semeamos adubação verde e plantamos aipim. Foram nossas primeiras experiências!

Sendo ativos participantes da Pastoral Rural, o casal envolveu-se, desde os primeiros momentos, nas conversas sobre produção ecológica na região. Estamos falando do início da década de 1990. Naquela época, Mampituba não havia se emancipado, era ainda um distrito do município de Torres.

Quando surgiu a Acert (Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres), pioneira na produção ecológica no litoral norte do RS, Toninho e Mariazinha participaram das primeiras reuniões. Estavam juntos na gestação da ideia de agricultores da região participarem da FAE – Feira dos Agricultores Ecologistas, organizada pela Cooperativa Ecológica Coolméia, em Porto Alegre. Chegaram a se envolver na compra do ônibus, que foi adquirido como forma de viabilizar o transporte de produtos e pessoas para vender na capital. Mas moravam longe, os volumes comercializados eram pequenos. O forte deles sempre foi banana, não hortaliças, e existiam outros produtores que eram focados nessa cultura, não havia como levar toda a produção de banana para a feira. Acabou

não sendo economicamente viável eles seguirem esse caminho.

Então, naqueles idos, eles voltaram a trabalhar com banana convencional.

Não contei ainda que Mariazinha é professora desde 1983. Em 1995, ela foi transferida da Escola São José para a Escola Estadual Demétrio Alves Fogaça e a família viu-se obrigada a mudar para a Roça da Estância.

- Quando viemos para cá, um conhecido nos ofereceu um bananal convencional para cuidarmos, à meia. Aceitamos. Isso foi de 1995/96 até 2000.

Mariazinha completa, sorrindo:

- Foi nossa recaída, mas nos recuperamos, veneno nunca mais...

Juce, a filha do meio, recorda-se:

- Eu via o pai chegando com o carretão carregado e perguntava: “essa eu posso comer?”

O bananal que eles tinham no Rio da Invernada nunca perdeu sua condição de ecológico. Hoje pertence ao irmão do Toninho.

A retomada deles na produção e venda de produtos ecológicos deu-se através do Grupo da Roça da Estância, que desde 2015 denomina-se GAERD- Grupo de Agricultores Ecológicos da Roça da Estância.

O Centro Ecológico começou seu trabalho nessa região, forte produtora de banana, em 1991. Desde as primeiras reuniões com as famílias, a pergunta que mais ouvíamos, em relação à banana, não era sobre a viabilidade agrônômica de produzir sem venenos. Era sobre a possibilidade de ter um mercado diferenciado, que valorizasse a produção ecológica e aceitasse, eventualmente, uma fruta um pouco menor ou com alguma mancha na casca.

Assim, a atuação da ONG concentrou-se em dois pilares: melhorar as informações sobre como produzir uma banana ecológica bonita, atingindo também boa produtividade e, ao mesmo tempo,

procurar mercados que propiciassem vendas mais expressivas, já que as feiras, usualmente, apresentam seus limites em termos de volume de comercialização.

Durante os anos 1990, os principais parceiros do Centro Ecológico e das organizações dos agricultores, nessa busca de novos mercados para a banana, foram as prefeituras de Porto Alegre e, ainda mais efetiva, de Caxias do Sul, em gestões do Partido dos Trabalhadores. A Prefeitura de Porto Alegre permitia a venda em pontos centrais por ela estabelecidos, os produtores chegavam com seus caminhões e começavam a vender. Não é incomum que momentos difíceis sejam embalados pelo tempo, tornando-se presentes. Acho que por isso Toninho relembra, sorrindo:

- No início, para irmos a Porto Alegre viajávamos na carroceria, sob a lona do caminhão, quase dentro das caixas. A Prefeitura nos autorizou a vender na Praça Argentina e da Alfândega. Quando começamos, levávamos 40 caixas e voltavam 42... depois foi melhorando, mas muitas vezes passamos na CEASA e vendemos a qualquer preço, só para não trazer banana de volta.

Produziam só banana, optaram pela produção ecológica, não encontravam mercado apropriado, eram obrigados a vender por qualquer preço sua única fonte de renda. Não parecia um início muito promissor.

Essas vendas em Porto Alegre não tiveram vida longa. Experiência mais bem sucedida foi em Caxias do Sul. Com o início da administração Pepe Vargas, foi estabelecido um programa de abastecimento popular denominado Ponto de Colheita. A partir desse programa, negociamos a venda de bananas de Mampituba e do vizinho município de Morrinhos do Sul, visto que na Serra não existe produção de banana. Essa venda persiste até hoje, 2019. Ao longo dos anos, tem sido um mercado importantíssimo para escoar a banana ecológica desses dois municípios, ainda que não seja mais o principal.

É que, atualmente, existem vários intermediários que comercializam banana ecológica na região. Alguns deles emergiram da própria dinâmica dos grupos, são agricultores que acabaram por transformando-se em vendedores. Esses compreendem melhor o que se pretende com o produto orgânico, os valores de equidade social e preservação ambiental que devem estar presentes quando se fala de produção ecológica. Valores esses que, preferencialmente, devem acompanhar o produto até o consumidor final. Ou seja, o desejado é que o mercado de produtos ecológicos seja construído sob uma lógica de benefícios compartilhados

Outros intermediários de produtos ecológicos têm surgido, mas com outro perfil. São os tradicionais comerciantes de banana na região, que ironizaram, desde sempre, a produção ecológica e tentaram impedir o crescimento dessa dinâmica, alegando que a banana ecológica iria “estragar o mercado”. Hoje, por pressão desse mesmo mercado, procuram os agricultores e prometem condições vantajosas para que deixem seus grupos e estratégias de comercialização originais, transformando-se em seus fornecedores. Por um lado, bom que tenham acordado. Por outro, temeroso e preocupante. Historicamente, esses intermediários são a melhor expressão do ditado popular, “quando a farinha é pouca, meu pirão primeiro”. Conversamos sobre isso e Toninho e Mariazinha também guardam essa preocupação:

- Tem produtor que se deixa levar por um real a mais por caixa. Quando esses intermediários estiverem sozinhos no mercado ecológico, vão explorar os agricultores como sempre fizeram no convencional.

Em dado ponto da conversa, vamos, de carro, ao bananal. Fica a cerca de 6 quilômetros da casa, na comunidade vizinha do Rio da Panela. Andamos juntos na área e conversamos sobre o manejo. A opção deles é pela simplicidade. Toda com banana branca (prata), com 3 hectares, a área é relativamente distante e

muito inclinada, dificultando significativamente o trabalho. Eles não contratam mão de obra para esse manejo. É tarefa do Toninho cuidar da banana, contando com eventuais ajudas da Mariazinha. Com esses condicionantes, optam por um manejo suficiente para uma produção que atenda seus mercados, sem grandes investimentos de tempo ou insumos.

Gosto dessa opção.

A vegetação espontânea cresce, no máximo, à altura do joelho, sendo mantida baixa por foice ou roçadeira mecânica. Não usam esterco. Quando sentem necessidade, põem um adubo rico em potássio, permitido nas regras da agricultura orgânica, ao redor das plantas. Em áreas muito povoadas por samambaia, usam um pouco de calcário e percebem que a população dessa planta diminui. Como sabemos, excesso de samambaia costuma ser indicador de excesso de alumínio trocável no solo.

Toninho nunca usou óleo mineral, mas fez algumas poucas pulverizações com biofertilizante super-magro. Cada vez faz menos. Plantou algumas mudas de palmeira juçara. Mesmo assim, o bananal não tem muitas árvores, o que considero prudente, visto que a insolação não é tão alta. No mês de julho, quando conversamos, às duas da tarde já não havia mais sol na área.

Caminhando pelo bananal podemos sentir a presença da matéria orgânica no solo sob os pés, seja pela maciez da pisada, pelo cheiro de “terra de mato” ou pelo vigor da vegetação crescendo.

Falamos sobre mão de obra, fazemos as contas e chegamos à conclusão de que se os cerca de 25 dias de trabalho por hectare/ano. Maria comenta:

- Alguns desses dias são meus... gosto muito de trabalhar aqui. Quando estou com a cabeça lá no fim do trimestre, vir à lavoura é uma terapia.

Colhem cerca de 8 mil quilos por hectare/ano. Estão satisfeitos, mesmo sabendo que está aquém de outros produtores da região.

Sempre inteligente o agricultor adequar as expectativas de produção ao seu mercado, ao gasto de mão de obra, ao custo do uso de insumos, às características da sua área. Pensar só na produtividade alta, sem levar em consideração todas essas variáveis, pode até resultar em alta produção, mas muitas vezes acompanhada de indesejadas perdas econômicas, no mínimo por maiores riscos.

Saímos do bananal e vamos visitar a área de 2 hectares comprada há cerca de três anos, localizada a dois quilômetros de casa. É utilizada para trabalharem com hortaliças. Importante esse espaço, visto que, para a família, o principal mercado hoje é a feira em Cambará do Sul, município vizinho. Cambará fica na Serra, sendo necessário subir mil metros por uma estrada sinuosa. São, portanto, quase duas horas de viagem para percorrer os 60 quilômetros da casa até o local da feira.

Quando essa feira iniciou, em 2014, era responsabilidade de todo o grupo. Com o tempo, apenas a família a mantém, ainda que, por vezes, levando produtos de outras famílias. Mariazinha:

- Com o passar dos anos, muitos desistiram, não é todo mundo que gosta de fazer feira.

Pergunto sobre os preços da banana. Por aquela que é vendida em casa, para eventuais intermediários. O próprio chefe do filho, intermediário de banana convencional, já comprou bananas certificadas orgânicas para revender e paga R\$ 1,00 o quilo. Na feira, em Cambará, vendem a R\$ 3,00. Para o supermercado, também em Cambará, o quilo é vendido a R\$ 2,20. O preço é confortável para quem paga e remunerador para quem vende. Toninho conta:

- Cheguei a perder a venda nos mercados em Cambará para um cara que ofereceu banana por R\$ 1 o quilo, mas os clientes começaram a reclamar da qualidade e, passado algum tempo, o mercado me procurou e comecei a vender de novo para eles.

A tarefa de ir à feira é do filho caçula, Josias, hoje com 24 anos. Josias trabalha para uma empresa, durante a semana, como

comprador de bananas convencionais. Aos sábados, encarrega-se da feira e das vendas da família para alguns mercados da cidade. A cada 15 dias, Josias faz uma viagem específica para entregar banana, aipim e batata-doce para a merenda escolar de escolas municipais e estaduais de Cambará.

Fornecem, também, para a merenda escolar de Mampituba, atualmente 200 quilos de banana, 40 quilos de batata-doce e 20 quilos de aipim, por mês.

O sonho da mãe é que Josias volte a trabalhar em casa.

- Já fiz a proposta para ele: vem produzir, vai para a feira, eu pago o que você ganha na empresa. Sinto que assim poderíamos abrir outros mercados, aumentar produção e venda.

Joceline, a filha caçula, já está nessa onda, pensando em viver da produção. Dirijo-me a ela, pergunto como viveu desde criança essa opção dos pais pela Agricultura Ecológica, se sentiu algum tipo de preconceito.

- Cresci assim, sempre gostei. Na escola que estudei, a mesma que minha mãe dá aulas, estudávamos muito a ecologia. Na quarta série, em 1999, estudei sobre bananal ecológico para preparar o desfile do dia da independência.

A escola e algumas professoras, dentre elas Mariazinha, sempre foram ativas na Teia de Educação Ambiental Mata Atlântica. A Teia é uma iniciativa do Centro Ecológico e existe desde 2005. O nome remete à teia de aranha, em que professores, preocupados com a questão ambiental, unem-se e articulam-se em rede, passando por periódicas etapas de formação, trocando experiências e fortalecendo-se mutuamente. A Teia, também, busca acompanhar as escolas na elaboração de projetos que giram em torno do meio ambiente e da agroecologia. É ativa em cinco municípios, envolvendo cerca de 60 educadoras e educadores de 20 diferentes escolas.

Em 2007, Juce começou a fazer o curso Técnico Agrícola, no Instituto Federal de Santa Rosa do Sul, Santa Catarina e, depois,

também no IFC, fez agronomia, formando-se em 2015. Pergunto como foi estudar agronomia tendo a cabeça tão voltada para a Agricultura Ecológica. Ela sorri:

- Aquele bullying de sempre... nos anos de colégio agrícola éramos conhecidos como “cocológicos”. Na agronomia a formação não é para isso, alunos e professores discriminavam. Um professor amigo quis me convidar para ser representante de venda... recusei, eu não quero vender veneno!

Juce já trabalhou para o NEA – Núcleo de Estudos em Agroecologia, do próprio Instituto Federal de Santa Rosa do Sul, ao mesmo tempo em que trabalhava, em tempo parcial, como agrônoma na Secretaria de Agricultura de Mampituba.

- Difícil colocar nossas ideias tendo chefes homens e mais velhos.

- E em casa, mais fácil ser ouvida como agrônoma?

Juce sorri e responde:

- Nem tanto... mas algumas coisas consigo, o açafreão mesmo, que já temos 3 mil plantas, fui eu que introduzi aqui.

Hoje, ela é Secretária do Meio Ambiente do município e ainda colabora na Secretaria de Administração. Isso aos 27 anos... mas diz que cansou do trabalho em órgãos públicos, quer mesmo dedicar-se à vida de produtora.

Está casada há pouco tempo com o Lucas, colega de faculdade e que ainda está na luta para se formar. Os dois têm feito algumas lavouras próprias e estão construindo a sonhada casa sobre esse terreno onde hoje estão plantando as hortaliças. É dessa área que sai a maioria dos produtos para a feira. Nesse mesmo terreno, Juce pretende montar uma pequena agroindústria para trabalhar com produtos minimamente processados, como pó de cúrcuma e aipim congelado.

Passando na área, noto que o dia está frio para os bonitos tomates que vejo. Pergunto se tem chance de geada para o dia

seguinte, Toninho responde:

- Tem sim, mas já pulverizei melado nos tomates para aumentar sua resistência ao frio. Costuma dar certo.

Fica a dica. A energia fácil do açúcar ativa o metabolismo da planta deixando-a “mais quente”. Essa aplicação pode minimizar o efeito de geadas não tão fortes, como as que comumente ocorrem na região.

Além do bananal e dessa terra onde cultivam hortaliças, eles têm uma área pequena, ao redor da casa, onde tem árvores frutíferas e plantam verduras, temperos e medicinais para consumo. Claro que o que sobra vai para a feira.

Sexta-feira é dia de preparar a produção, que irá subir ser comercializada em Cambará, no sábado. Tornou-se comum que alguns vizinhos comprem produtos enquanto estão sendo preparados para a feira. Além da banana, levam batata-doce, aipim, açafrão, tomate, alface, temperos, abacate, couve flor, couve, brócolis, repolho, chuchu, bergamota, limão. Toninho:

- Tudo que tenho em casa, nem que seja apenas 5 quilos de abacate, levo!

Nesse mesmo local, também criam alguns frangos. Adquirem, por vez, de 50 a 100 pintos de um dia e tratam durante 4 meses. Como alimento, compram concentrado no mercado e fornecem à razão de 1:5 com milho, adquirido de um vizinho que planta com sementes próprias, crioulas e não transgênicas.

Existe uma considerável demanda por frangos criados dessa forma. Mesmo não podendo ser denominados de orgânicos, são mais saborosos e saudáveis que os criados em aviários convencionais onde, com 25 dias, são abatidos. Vendem para conhecidos da própria comunidade e ainda atendem algumas encomendas que vem dos clientes de Cambará.

Galinhas para ovos e dois porquinhos para engorda também estão nessa pequena área ao redor da casa.

A situação financeira da família é estável e, parte disso, se deve ao intenso trabalho com Agricultura Ecológica. Ao longo dos anos de casados, adquiriram as três áreas nas quais trabalham e vivem. Mas sabem que têm potencial para mais. É o que ouço quando pergunto um pouco sobre os próximos planos e vejo que está tudo mapeado.

Toninho pretende ter uma câmara própria para climatizar banana, quem sabe prestando esse serviço para outros. Mariazinha, como não é incomum entre as mães, quer ver os filhos ao lado dela. Ela já tem tudo esquematizado na sua cabeça. O bananal, como já comentamos, será para o filho, se ele assim quiser. Ele “herdaria” também a feira de Cambará. A área mais perto da casa, onde hoje produzem hortaliças, ficará para Joceline. A filha mais velha, a Janice, já tem seu lugar no mundo, está estabelecida em Porto Alegre, onde mora há muitos anos.

- Meu genro já nos propôs irmos todos para a capital, trabalharmos juntos. Mas gostamos é daqui, nosso lugar é aqui, não queremos sair.

Entendo perfeitamente essa opção. Viver na Roça da Estância, cercada por sua bela passagem, produzindo, vendendo e, sobretudo, consumindo produtos ecológicos, ainda mais junto a alguns dos filhos e netos, não parece ser ruim...

